

Prólogo

Veneziano:

Esta história aconteceu
Num país chamado Itália
Na cidade de Veneza
Que é sobre água construída
E noite e dia se mira
Sobre a água reflectida.

Suas ruas são canais
Onde sempre gondoleiros
Vão guiando barcas negras
Em Veneza tudo é belo
Tudo rebrilha e cintila

Há quatro cavalos gregos
Sobre o frontão de S. Marcos
E a ponte da Giudeca
Desenha aéreo o seu arco
Em Veneza tudo existe
Pois é senhora do mar

Doação
Glória Quartin

Dos quatro cantos do mundo
Os navios carregados
Desembarcam no seu cais
Sedas tapetes brocados
Pérolas rubis corais
Colares anéis e pulseiras
Perfumes orientais

Cidade é de mercadores
E também de apaixonados
Sempre perdidos de amores
E cada dia ali chegam
Persas judeus e romanos
Franceses e florentinos
Artistas e bailarinos
E ladrões e cavaleiros

Aqui só há uma sombra
As prisões da *Signoria*
E os esbirros do *doge*
Que espiam a noite e o dia
De resto em Veneza há só
Dança canções fantasia

Cada ano aqui se tecem
Histórias tão variadas
Que às vezes até parecem
Aventuras inventadas

Por isso aqui sempre digo
Que Veneza é como aquela
Cidade de Alexandria
Onde há sol à meia-noite
E há lua ao meio-dia

I. Acto

Vanina, de costas, debruçada na janela. Ouve-se lá fora uma voz a cantar.

Vanina:

–Está um dia lindo. Vou sair. Vou correr Veneza toda. Que dia lindo! (*Pega na campainha que está em cima da cómoda e toca*) Está tudo a brilhar: brilha a água, brilha o Sol, brilham os vidros das janelas, brilham os olhos das pessoas.

Bonina:

–Haveis tocado, Senhora?

Vanina:

–Traz o meu chapéu novo!

Bonina:

–É já, Senhora!

Vanina:

–Tenho que me pentear melhor (*Vanina vê-se outra vez ao espelho*) Tenho que me pentear melhor!

Bonina:

–Está aqui o chapéu, Senhora.

Vanina (*a falar sozinha e a pentear-se em frente do espelho pequeno*):

–O pior é ter de levar comigo a D. Geraldina. E está sempre a espiar-me e conta tudo ao meu tutor. Mas hei-de arranjar maneira de a distrair e de a “semear” quando for preciso! Estou um bocado pálida, preciso de “rouge”...

Bonina entra com um pente numa pequena bandeja

Vanina:

–Obrigada. Traz a minha caixa de pintura!

Bonina:

–É já, Senhora!

Bonina vai a sair, mas Vanina chama outra vez:

Vanina:

–Traz também a minha caixa de perfumes.

Vanina continua a arranjar-se em frente do espelho, a pentear-se e a pôr “rouge”.

Vanina:

–Se for preciso, depois de termos tomado um gelado na praça de S. Marcos, peço à D. Geraldina que vá à igreja comprar uma vela benta, e digo que não posso sair dali porque estou à espera das minhas amigas. (*Olha-se bem ao espelho, e diz:*) Os meus

olhos também brilham. Hoje estão completamente azuis, estou bem bonita, bem bonita - ai, eu adoro-me a mim própria!

Entretanto, toca a campainha, e Bonina entra de novo.

Vanina:

–Bonina, vai dizer à D. Geraldina que se prepare para sair porque eu quero dar um passeio até à praça de S. Marcos.

Bonina:

–Ai, Senhora, ela vai resmungar tanto! Ela só gosta de ficar em casa, sentada à janela, a bordar aquela colcha que nunca mais está pronta... Detesta ir à rua.

Vanina:

–Ela só gosta de estar quieta como um armário, imóvel como a maçada. Chama-se Geraldina. Mas não quer girar. É preciso arrastá-la. Vai depressa, Bonina, que ela leva tanto tempo a fazer a “toilette” .

Bonina:

–É já, Senhora!

Vanina:

–Tu ao menos gostas de girar. És rápida, és súbita! Vai, vai. E põe a D. Geraldina a girar...*(Vanina fica só. Ri. E depois da criada sair diz:)* Querida, querida Bonina!
(Depois aproxima-se da boca da cena e vira-se para o público:) Vou sair porque está um dia lindo. Mas não é para ver o dia, nem as lojas, nem os vestidos das

mulheres bonitas, nem o leão de bronze de S. Marcos, nem as gôndolas a passar debaixo da ponte do Rialto. Quero sair é para ver, quer seja ao longe, quer seja ao perto, ver ou ao menos avistar, sequer ao menos a sombra da mais bela maravilha de Veneza. Do mais belo dos jovens fidalgos de Veneza. Está claro que já sabeis que estou a falar do Pietro, do filho do conde Alvisi que morreu arruinado. Por isso ele é pobre como Job, belo como um príncipe e misterioso como um pirata. O meu tio, que é meu tutor, quer que eu case com o comendador Zorzi. Mas como é que eu hei-de casar com ele, quando existe um homem como o Pietro Alvisi? Já disse o meu segredo, e espero que ninguém vá repetir ao meu tio! Porque ele detesta o Pietro! Mas eu apaixonei-me por ele desde o primeiro instante e para sempre. Foi há quinze dias, em casa da minha amiga Giovanna que é prima dele. Era igual a uma pintura que havia num quadro na sala dela. Olhei bem para ver se a pintura não tinha saído do sítio... Todos pararam de dançar quando ele chegou. Mas algumas pessoas, com ar importante, saíram... Mas as outras correram para ele a pedir: “Pietro, Pietro, canta!” Ele respondeu: “Canto na varanda” e fomos atrás dele para a varanda. Que bela voz! Nunca ouvi cantar assim, com tanta doçura e tanta paixão. Quando ele acabou de cantar, as pessoas, depois de muitos aplausos, começaram a sair para a ceia. Eu ia a sair também. Mas ele colheu uma rosa da trepadeira, e disse: “A rosa mais bonita para a menina mais bonita da festa!” Eu fiquei tão louca de alegria e de espanto, que não fui capaz de dizer uma única palavra. E sem abrir a boca, afastei-me quase a correr. E agora que é que eu hei-de fazer? Como é que eu lhe hei-de agradecer? Ai, vou-lhe escrever uma carta!

Bonina (*entrando*)

—Senhora, está ali a vossa amiga D. Giovanna Alvisi.